



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

# Contribuições teóricas da semiótica para a leitura documentária

Daniela Majorie Akama dos Reis

**Como citar:** REIS, D. M. A. dos. Contribuições teóricas da semiótica para a leitura documentária. In: FUJITA, M. S. L.; NEVES, D. A. de B.; DAL'EVEDOVE, P. R. (org.). **Leitura documentária: estudos avançados para a indexação.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 263-282.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2017.978-85-7983-917-7.p263-282>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DA SEMIÓTICA PARA A LEITURA DOCUMENTÁRIA

*Daniela Majorie Akama dos Reis*

## INTRODUÇÃO

A leitura é um processo ativo, no qual o leitor traz toda uma vida de experiências para o texto e utiliza essa experiência para interpretar e elaborar sobre seus conteúdos. Os escritores confiam que os leitores farão inferências que lhes permitirão evitar ter de contar tudo em detalhes entediantes (ELLIS, 1995, p. 62).

Em Organização do Conhecimento<sup>1</sup>, a leitura é a forma pela qual os profissionais iniciam diversos processos, como por exemplo, a análise de assunto e indexação. A leitura com objetivos documentários, realizada por um profissional nunca ocorrerá de maneira determinada. Cada mente funciona de forma única, fatores como conhecimento prévio, domínio em que o sujeito atua (e/ou atuou anteriormente), educação acadêmica, convívio com outras pessoas, tudo, influencia na forma como tal pessoa interpreta determinada informação. Consequentemente, é fundamental revisar e atualizar os rumos dos constantes estudos sobre as variáveis de leitura, o que justifica este estudo.

<sup>1</sup> [...] “Organização da informação em registros bibliográficos, incluindo índices de citação, texto completo e internet” (HJØRLAND, 2003, p. 1)

Com base em pesquisas anteriores, considera-se relevante citar<sup>2</sup> algumas das diversas variáveis que envolvem a leitura, e conseqüentemente, a leitura documentária: o **domínio**, contemplado do ponto de vista tanto do documento quanto do leitor; **conhecimento prévio** dos profissionais; **tipo de documento** (pensando em estruturas textuais de documentos e suas respectivas áreas – considerando a questão do domínio do acervo em geral); entre outras variáveis relacionadas ao profissional como leitor (ambiente de trabalho, pressão, aspectos não mensuráveis).

Hjørland considera que os métodos de Organização do Conhecimento em Biblioteconomia e Ciência da Informação são, no nível mais profundo, baseados nas mesmas suposições filosóficas dos métodos de ciência e erudição. Isto implica em que a discussão fundamental da base da Organização do Conhecimento é fortemente conectada à discussão de diferentes teorias em epistemologia (2003, p. 9).

A **Semiótica**, ou Teoria Geral dos Signos, é uma indagação sobre a natureza dos signos e suas relações, entendendo-se por **signo** tudo aquilo que represente ou substitua alguma coisa, em certa medida e para certos efeitos (PIGNATARI, 2004, p.21). De acordo com o autor, entende-se que “toda e qualquer coisa que se organize ou tenda a organizar-se sob a forma de linguagem, verbal ou não, é objeto de estudo da semiótica” (PIGNATARI, 2004, p.15).

A leitura documentária, portanto, independentemente de seus objetivos e produtos, é passível de análise por meio de aspectos manifestados na teoria semiótica, pois um texto “não apresenta significado nele mesmo, é necessário que haja uma interação a partir da leitura para que o significado e conceitos que o texto pretende passar sejam compreendidos pelo leitor” (MAI, 2004, p. 604).

Em dissertação de mestrado, defendida por Reis em 2012, foram coletados Protocolos Verbais Individuais - PVI<sup>3</sup> nas três áreas do conheci-

---

<sup>2</sup> Não é o foco desta pesquisa apresentar detalhadamente cada uma delas.

<sup>3</sup> Consiste na gravação da exteriorização verbal de pensamento durante a atividade de leitura. Isso é possível porque o leitor pode exteriorizar seus processos mentais enquanto a informação processada está sob o foco de sua atenção. Referem-se ao “Think Aloud” (“Pensar Alto”), em que o indivíduo lê e interpreta ao mesmo tempo, exteriorizando em voz alta tudo o que “passa pela sua cabeça” durante a leitura. [...] o “Pensar alto” do informante é gravado e transcrito literalmente, produzindo protocolos verbais. Protocolos são geralmente definidos como relatos verbais dos processos mentais conscientes do informante (FUJITA, NARDI e FAGUNDES, 2003, p. 142).

mento (Humanas, Exatas e Biológicas), em bibliotecas universitárias, durante a catalogação de assunto de livros científicos. Concluiu-se por meio de análise detalhada da observação de estruturas textuais durante leitura, que seria necessária outra forma de análise com base em critérios mais evoluídos (já considerando resultados anteriores) para entender como os profissionais agem durante o processo interpretativo com fins documentários.

Em artigo publicado em 2013, Almeida, Fujita e Reis consideram “a abordagem semiótica do processo de indexação de assunto como um campo promissor para os estudos da Organização e Representação do Conhecimento” (2013, p. 239). Pesquisas que relacionam teorias da semiótica tem sua importância no tratamento temático da informação, principalmente devido à carência de estudos à esta abordagem específica. De acordo com os autores, estudos com base nos três tipos de raciocínio (Abdução, Dedução e Indução), explicados por Peirce, podem esclarecer de forma mais genuína o processo de leitura documentária:

Em síntese, com a abdução sustentamos os processos de leitura (percepção) e criação de sugestões hipotéticas de representação do assunto; cumpre a dedução tratar da seleção de termos de representação segundo a generalização intelectual das consequências e; por último, resta a indução ancorar as funções do teste e comparação dos potenciais assuntos com às linguagens de indexação, linguagem do usuário e linguagem do sistema de informação, com o objetivo de continuamente avaliar e aprimorar as representações de assunto (ALMEIDA; FUJITA; REIS, 2013, p. 240).

Portanto, propõe-se um estudo sobre a leitura documentária e aspectos teóricos conhecidos na semiótica - especificamente, a Abdução, Dedução e Indução - e seus efeitos na interpretação de profissionais responsáveis pela leitura documentária de livros, fundamentada em literatura em Organização do Conhecimento e semiótica – principalmente Peirce e autores baseados na teoria de Peirce.

Tem-se como objetivo deste estudo teórico, alicerçar pesquisas aplicadas dentro da temática da leitura documentária sob um ponto de vista de teorias semióticas.

Serão apresentados conceitos, com base em pesquisas anteriores, e em literatura nacional e internacional, sobre a leitura, leitura documen-

tária e por fim, uma sincronização com aspectos da teoria semiótica. A primeira seção tratará da semiótica e perspectivas para pensar na leitura, seguida de uma seção sobre leitura documentária, uma discussão dos temas tratados e resultados, e por fim, as considerações finais e sugestão para pesquisas aplicadas.

## ASPECTOS SEMIÓTICOS DA LEITURA

Para Eco, a semiótica está relacionada a tudo que possa ser **assumido** como signo. “É signo tudo quanto possa ser assumido como um substituto significante de outra coisa qualquer. Esta outra coisa qualquer não precisa necessariamente existir, nem subsistir de fato no momento em que o signo ocupa seu lugar” (2014, p. 4).

Almeida (2012, p. 50), explica a Semiótica peirceana, como uma ciência formal, que está subdividida nos ramos: Gramática Especulativa, Lógica Pura e Retórica Especulativa.

A lógica é o ramo da filosofia que permite uma análise do pensamento. Consiste numa operação mental que possibilita, através do raciocínio, o surgimento de novas proposições através de proposições já existentes (DIAS; NAVES, 2013, p. 83).

Considera-se inerente a relação da lógica com a leitura, independente do objetivo desta última (documentária ou fluida), pois esta demanda habilidades e estratégias específicas por parte dos leitores.

Diante da análise da concepção de lógica de Peirce, torna-se evidente que o esforço necessário para a análise de assunto está relacionado à *lógica docens*<sup>4</sup>, pela exigência da capacidade inventiva, generalização e teoria, por parte do indexador, muito além da lógica do bom senso do homem comum (DIAS; NAVES, 2013, p. 85).

Almeida, Fujita e Reis (2013, p. 240) consideram “fundamental destacar o papel da Lógica como matriz teórica para conceber o processo de indexação como inferencial”. Pode-se concluir, que à lógica, é atribuída essencial importância quando pretende-se investigar aspectos inferenciais da leitura documentária. Ainda, “a Lógica Pura, segundo

<sup>4</sup> Resultado de estudo científico, conhecido como “logica docens”.

ramo da semiótica de Peirce, procura responder a relação dos signos com os objetos”

Neris (2006, p. 3) faz considerações a respeito da leitura do ponto de vista da teoria semiótica:

[...] é essencialmente uma semiose, uma atividade primordial cujo resultado é correlacionar um conteúdo a uma expressão dada e transformar uma cadeia de expressão em uma sintagmática de signos. Tal performance pressupõe uma **competência** do leitor, comparável, ainda que não necessariamente idêntica, à do produtor do texto. Se, no momento da leitura normal, o fazer receptivo e interpretativo do enunciatário-leitor continua implícito, sua explicitação, sob forma de procedimentos de análise estabelecidos, tendo em vista a reconstrução do sentido, constitui tarefa da semiótica (grifo nosso).

Para Eco (2014, p. 60), “A semiose explica-se por si só. Esta contínua circularidade é a condição normal da significação, e é isto que permite o uso comunicativo dos signos para referir-se a coisas”.

Almeida, Fujita e Reis (2013), exploram o modelo semiótico da indexação de Mai (2001)<sup>5</sup>, e explicam a semiose no processo de indexação, que seria entendida como “uma sequência de atos interpretativos geradores de signos a partir de seus passos e elementos” (2013, p. 237). Na visão dos autores, existe a possibilidade da continuidade da semiose no momento da busca realizada pelos usuários, ou seja, quando estes entram em contato com os termos selecionados pelo bibliotecário.

Pode-se constatar que o sujeito que realiza a leitura documentária em bibliotecas – preferencialmente – será um bibliotecário munido de conhecimento prévio e de diversas estratégias profissionais de leitura. Este conjunto de fatores torna o bibliotecário competente para a leitura com fins de sumarização, e de maneira inferencial, diferenciando-o de um leitor comum, que realiza uma leitura espontânea e do documento na íntegra – fora do domínio profissional.

Ao contemplar a leitura sob um viés da semiótica, pode-se avaliar que “ler é produzir um texto que tem como referente outro texto. A leitura

---

<sup>5</sup> MAI, J-E. Semiotics and indexing: na analysis of the subject indexing process. *Journal of Documentation*, v. 57, n. 5, p. 591-622, 2001.

e a interpretação são constituídas por uma relação intertextual, ou seja, um texto que remete a outro, que é a sua razão de ser” (NERIS, 2006, p. 5). Observa-se aqui, a influência do conhecimento prévio do leitor em determinada área, quanto mais este conhece sobre tal assunto, melhor e maior será sua habilidade de criação de hipóteses por meio da abdução.

Thellefsen (2002, p. 76) também explica que em alguns casos, o contexto é um importante elemento a ser considerado. “Buscamos um contexto, que é tão bem definido que pode proporcionar inúmeros signos com significado específico”. Entende-se que o que Thellefsen considera em artigo de 2002, é o contexto como fator decisivo na interpretação de signos, considera-se aqui o mesmo para profissionais – bibliotecários – que realizam a leitura documentária. O conhecimento prévio sobre um assunto dentro um domínio específico é o fator que destaca um profissional de outros.

Na seção seguinte, serão apresentados conceitos, características e tipos de estratégias da leitura e da leitura documentária.

## **A LEITURA DOCUMENTÁRIA**

Pinto e Gálvez (1999, p. 40) definem a leitura de maneira geral como passo inicial para a aquisição de informações textuais. É realizada de forma automática, quase que inconscientemente, por estar muito enraizada em nossa vida diária.

A leitura, na concepção de Fujita (2004, p. 2):

[...] apesar da individualidade do ato realizado, é um ato social porque existe um processo de comunicação e de interação entre o leitor e o autor do texto, ambos com objetivos estabelecidos anteriormente dentro do contexto de cada um. Apesar de, aparentemente simples e tão natural, o processo de leitura possui uma complexidade que está subjacente porque depende do processamento humano de informações e da cognição de quem lê, de um texto elaborado por um autor e do contexto de ambos, o que determina os objetivos da leitura.

Segundo Neves (2007, p.2) “no que diz respeito à compreensão de um enunciado, a leitura de um texto é uma atividade cognitiva que

requer esforço mental/cognitivo, envolvendo: percepção, memória, inferência e dedução”.

Para Livingston, o conhecimento sobre as variáveis de estratégias de leitura inclui conhecimento sobre estratégias cognitivas e metacognitivas, bem como conhecimento condicional sobre quando e onde é apropriado usar tais estratégias. (1997, p. 1)

A metacognição é um assunto bastante estudado em pesquisas sobre leitura documentária, e de acordo com Livingston (1997, p. 2) significa: “’pensar sobre o pensamento’ e envolve supervisionar se uma meta cognitiva foi cumprida. Este deve ser o critério de definição para determinar o que é metacognitivo”.

Deve-se ter em mente que “as estratégias cognitivas e metacognitivas estão estreitamente entrelaçadas e dependentes uma da outra, qualquer tentativa de examinar uma sem reconhecer a outra não forneceria uma situação adequada” (LIVINGSTON, 1997, p. 2).

Sobre a leitura, conclui-se que é inerente ao ser humano o uso de estratégias cognitivas e metacognitivas, e é por meio destas que o leitor proficiente está apto a formular hipóteses para compreender o texto.

A leitura documentária, por sua vez, apresenta aspectos que diferem da leitura habitual, pois, não é realizada para lazer ou aprendizagem, nem é prazerosa, muito pelo contrário. O alto grau de incerteza, ansiedade e responsabilidade contido na atividade já mostra que ela traz pouca satisfação. (DIAS; NAVES, 2013, p. 41)

Para Dias, Neves e Pinheiro (2006, p. 142), os leitores:

[...] identificam informações relevantes, lêem as partes aparentemente mais importantes, fazem inferências, lêem em voz alta, repetem e reformulam uma idéia buscando sua correspondência na memória de trabalho. Tomam notas, fazem pausas para refletir sobre o texto, elaboram paráfrases, buscam padrões textuais, fazem predições. Relacionam partes do texto buscando esclarecer dúvidas, interpretam o texto, emitem juízos de valor sobre a qualidade do texto e a veracidade do relato, entre outras.



Tanto a redação quanto a leitura de um texto, são processos repletos de complexidade. Koch (1998, p. 25) afirma que “o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação”.

Um texto não apresenta significado nele mesmo, é necessário que haja uma interação a partir da leitura para que o significado e conceitos que o texto pretende passar sejam compreendidos pelo leitor (MAI, 2005, p. 604).

Em PVIIs é comum identificar tal comportamento por parte dos leitores proficientes. Estes verbalizam suas estratégias, possibilitando melhor entendimento de como processam a informação durante a leitura documentária.

Assim como na leitura habitual, durante a leitura de um texto com objetivos documentários, “são ativados esquemas variados, desde conhecimento de vocabulário, conhecimento da estrutura textual, do assunto, até conhecimento de mundo” (FUJITA; NARDI; SANTOS, 1998, p. 14). O quadro abaixo apresenta uma comparação de estratégias de leitura em quatro concepções teóricas distintas:

Brown	Kato	Cavalcanti	Cintra (citando teóricos da ciência da cognição)
Skill Estratégia	Estratégia cognitiva Estratégia metacognitiva	Estratégia automática Estratégia controlada	Estratégia automática Estratégia controlada

**Quadro 1:** Estratégias de leitura conforme as concepções teóricas (p. 19)

**Fonte:** Fujita, Nardi e Santos (1998)

Nota-se que todas as concepções fazem uma distinção entre o que seriam estratégias cognitivas e o que seriam estratégias metacognitivas. O que Kato considera como estratégia cognitiva (*Skill* para Brown), Cavalcanti e Cintra consideram como estratégia automática; E o que Kato considera como estratégia metacognitiva (Estratégia para Brown), Cavalcanti e Cintra consideram como estratégia controlada. Desta forma, as estratégias cognitivas, ocorrem na leitura fluida, do documento na íntegra, e as estratégias metacognitivas, ocorrem durante uma leitura com objetivos documentários.

Na leitura documentária, “não é necessário, nem aconselhável uma leitura linear, letra por letra, palavra por palavra, o leitor avança no texto à medida que consegue predizer o que vem a seguir” (FUJITA; NARDI; SANTOS, 1998, p. 20). As autoras explicam como o leitor com objetivos documentários deve proceder para efetuar a leitura documentária de forma eficaz. Ele deve:

[...] buscar detectar a estrutura do texto. O leitor que tem facilidade de reconhecer as superestruturas textuais capta melhor as ideias principais do texto, do que um leitor que lê linearmente, fazendo esforços desnecessários para compreender trechos isolados, mas sem apoiar-se na estrutura textual e seus conhecimentos prévios para inferir significados, e levantar hipóteses que o ajudarão a apreender a temática global (FUJITA; NARDI; SANTOS, 1998, p. 20) (grifo nosso).

A Leitura documentária está presente em diversos processos na Organização do Conhecimento. Foi mencionado anteriormente que existem diversos aspectos, que de maneira previsível, influenciam na leitura documentária – independentemente do processo e dos produtos obtidos por meio do tratamento de informações.

Alguns fatores podem afetar o processo de leitura, e consequentemente, a leitura documentária. Kato (1995) define as condições de leitura: a) o grau de maturidade do sujeito como leitor; b) o nível de complexidade do texto; c) o estilo individual; d) o gênero do texto.

Cintra (1983, p. 5) explica que a análise de documentos com fins documentários (indexação ou catalogação de assunto) pode ser realizada pela leitura do documento processada pelo cérebro humano, ou por máquina. Considera-se que a leitura por uma pessoa seja mais adequada dentro de domínios específicos, devido à bagagem de informação e conhecimento específico em dada área, adquiridos ao longo da vida (aspectos mais detalhados a seguir).

Para Dias e Naves (2013, p. 39):

O processo de leitura depende da competência comunicativa do leitor, competência essa que sofre influência de vários fatores e, dentre esses fatores, destacam-se: (a) a ação da memória que, incessantemente, relaciona o não conhecido ao conhecido e (b) a participação da razão e suas atividades complementares de indução e dedução, análise e síntese.

Thellefsen (2002, p. 77) supõe que uma pessoa inserida em um domínio de conhecimento bem definido possui um nível maior de conhecimento em relação aos conceitos do que uma pessoa fora do mesmo. A escolha das áreas das bibliotecas universitárias pesquisadas por Reis (2012) teve como base este argumento. Acredita-se que bibliotecários inseridos em domínios específicos observariam estruturas textuais de forma diferenciada (tendo em mente também, os tipos de estrutura textual dos livros e suas variações dentro de cada área).

Dias e Naves (2013, p. 27) explicam a necessidade da observação de estruturas textuais para a análise de documentos por meio da leitura:

Para a análise de assunto que se realiza em textos escritos é preciso que seja feita uma leitura que possibilite a extração de conceitos que sintetizem o conteúdo desses textos. Sabe-se da importância do texto, de estruturas e de tipos de textos, bem como a forma específica de leitura que deve ser feita pelo indexador.

Como resultados de pesquisa de 2012, chegou-se a diversas conclusões, por meio da análise dos PVIs durante a leitura documentária. Foi possível observar quais as partes da estrutura textual são mais consultadas para a análise de assunto dos livros por parte dos bibliotecários em cada área (bibliotecas de Humanas, Biológicas e Exatas).

Os profissionais responsáveis pela análise de assunto em bibliotecas na área de Humanas apresentam esquemas de leitura documentária que proporcionam melhores resultados com relação à complexa estrutura dos documentos da área de Humanas, mesmo que estas envolvam a leitura de quase ou todas as partes da estrutura textual do livro.

Por outro lado, nas áreas de Biológicas e Exatas, os livros usados durante as coletas de PVIs apresentam uma estrutura mais uniforme de maneira geral, com um título bem representativo e um sumário que lista grande parte dos conteúdos apresentados nos capítulos. Esses fatores auxiliam o bibliotecário no momento da leitura documentária, mesmo quando os livros estão em outra língua (que o leitor não domina).

Por meio da análise da leitura documentária dos bibliotecários em cada área, foi possível observar as partes da estrutura textual que são

mais usadas para a análise de assunto dos livros. Os resultados foram expostos em quadros, listando as partes das estruturas textuais por área e comparando-as.

Ao considerar as variáveis que envolvem a leitura, e com base em Kato (1995), foi elaborado o seguinte quadro:

As condições de leitura (KATO, 1995)	Leitura documentária (categorização para estudos)
a) o grau de maturidade do sujeito como leitor;	• Conhecimento prévio/ enciclopédico/ de mundo dentro de um domínio específico;
b) o nível de complexidade do texto; d) o gênero do texto;	• Livros em áreas específicas (Humanas) dentro de um domínio específico;
c) o estilo individual;	• Aspectos semióticos da leitura (observação da Abdução, Dedução e Indução como características inferenciais);

**Quadro 2:** As condições de leitura e as variáveis observadas na Leitura documentária

**Fonte:** Elaborado pela autora

Embora os resultados da dissertação de 2012 tenham sido significativos – no sentido de que se pode notar a tendência de análise de partes de estruturas textuais de livros em cada área do conhecimento – considera-se necessário pesquisar a leitura de maneira mais aprofundada, origem do interesse pelos aspectos semióticos observados na leitura em pesquisa atual.

## DISCUSSÃO E RESULTADOS

Para Eco (2014, p.118), logicamente falando, “**interpretação** é uma INFERÊNCIA. Inicialmente, assemelha-se ao tipo de inferência lógica que Peirce chamou de ‘abdução’ (e em certos casos de ‘hipótese’)” (grifo nosso).

Diversos autores explicam a abdução, dedução e indução. Eco (2001) apresenta os conceitos com base na teoria de Peirce. De acordo com o proposto nesta pesquisa, daremos mais enfoque à abdução:

A abdução ou hipótese é amplamente descrita por Peirce em diversos pontos da sua obra [...] <sup>6</sup>. Comparada com a dedução e a indução, ela dá lugar aos três diferentes esquemas inferenciais da figura seguinte onde as

<sup>6</sup> [cf. em particular 1902b, tradução italiana, p. 105-6; 1878, ed. 1951-58, §§ 619-635]

casas delineadas a cheio exprimem os estádios argumentativos para os quais se têm proposições já verificadas e as casas a tracejado os estádios argumentativos produzidos pelo raciocínio (ECO, 2001, p. 54):

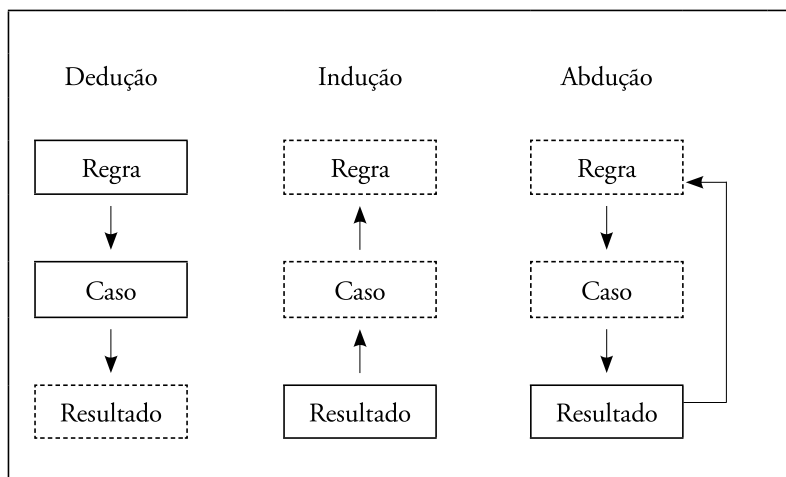


Figura 1: Dedução, Indução e Abdução de acordo com ECO

Fonte: Eco, 2001, p. 54

A Dedução prova que algo deve ser; A indução mostra que algo está operacional; Abdução simplesmente sugere que algo pode ser (PEIRCE, 1931-1958, 171).

Para Eco:

Que depois haja indícios circunstanciais e contextuais a dirigir-me para o estabelecimento da regra, não altera em princípio a estrutura do processo interpretativo. A abdução intervém também quando devo interpretar figuras retóricas e quando devo interpretar vestígios, sintomas, indícios (veja-se a referência hipocrática ao contexto). O mesmo acontece, no entanto, quando quero interpretar o valor que um dado enunciado, uma palavra-chave, todo um episódio, assumem num texto. A Abdução representa, pois, o propósito, a tentativa arriscada, de um sistema de regras de significação à luz das quais um signo adquirirá o seu significado (2001, p. 56)

O fato da abdução “simplesmente **sugerir** que algo pode ser”, coloca a responsabilidade da interpretação nas estratégias metacognitivas desenvolvidas pelo profissional durante toda sua vivência profissional dentro de um ou vários domínios.

Seguindo essa linha de pensamento, na leitura documentária para indexação, Almeida, Fujita e Reis explicam que “a abdução é a etapa criativa na indexação, a dedução é a etapa generalizadora e a indução é a fase do teste e da continuidade da representação dos assuntos” (2013, p. 238).

Em diversos processos que envolvem a leitura documentária (indexação, catalogação de assunto e classificação), esta, é sempre o primeiro contato do profissional com o documento. É neste momento que se pode observar a atividade inferencial e/ou abdução.

Desta forma, considera-se a abdução, como etapa mais importante observada no processo de tratamento temático da informação, pois é neste momento que o bibliotecário exibe toda sua peculiaridade interpretativa por meio da leitura documentária.

Em etapas seguintes de tais processos de tratamento temático, destaca-se a importância do uso de manuais, ferramentas, políticas, etc. Durante a abdução, o leitor proficiente tem a liberdade para refletir sobre o assunto do documento, antes de traduzir tudo que ele considera importante na representação para uma linguagem documentária, observa-se neste momento, a importância desta etapa inicial. As etapas finais não poderão ocorrer de forma apropriada, sem a devida atenção na etapa inicial – leitura documentária.

À vista disso, podemos considerar que a abdução ocorre durante o primeiro contato do sujeito com o texto, momento em que este aplica todo seu conhecimento prévio, e simultaneamente, é influenciado pelo domínio em que está inserido. O leitor não tem a resposta exata do assunto do documento, mesmo porque, a leitura documentária não procura ser, e não deve ser exata. Depende do domínio e de seus objetivos, o que, portanto, relaciona a leitura documentária diretamente à abdução (esta sugere o que pode ser – não há uma certeza, como observado, por exemplo, na dedução).

INFERÊNCIAS	ABDUTIVA	DEDUTIVA	INDUTIVA
<b>DEFINIÇÃO</b>	Criação de hipóteses ou sugestões explicativas sobre os conteúdos do documento	Análise das consequências da atribuição de assunto ao documento	Teste e experimentação com a suposta linguagem do sistema e do usuário
<b>CATEGORIAS</b>	Primeiridade	Secundidade	Terceiridade

<b>NATUREZA</b>	Possibilidade	Generalidade	Continuidade
<b>ETAPAS</b>	Criação	Análise	Comparação
<b><u>ETAPAS DA LEITURA DOCUMENTÁRIA</u></b>	Primeiro contato do sujeito com o documento, etapa criativa proporcionada pelo conhecimento de mundo e do domínio. O sujeito já tem uma noção básica do assunto do documento.	Etapa em que ocorre a conferência da parte criativa por meio da análise da estrutura textual do documento. Consideram-se, também, as particularidades do domínio.	Etapa envolvendo processos finais de Tratamento Temático da Informação (catalogação de assunto e indexação).

**Quadro 3:** Processo Inferencial de Indexação

**Fonte:** Adaptado de Almeida, Fujita e Reis (2013)

O conceito de abdução explica de forma consistente o que ocorre durante a leitura documentária, na mente do sujeito. Acredita-se que por meio deste esclarecimento conceitual seja possível fazer uma análise próspera dos processos mentais durante a leitura documentária em um domínio específico. A inferência dedutiva é observada principalmente durante o contato do sujeito com estruturas textuais. A inferência indutiva deve ocorrer após a fase de leitura documentária, na continuidade que ocorre com o contato do usuário com os produtos do tratamento da informação.

Com base nos conceitos apresentados, e em alguns trechos<sup>7</sup> de seis PVIs (nas três áreas do conhecimento), coletados e apresentados em Reis (2012), foi realizada uma análise, relacionando os tipos de inferência dos trechos mais importantes na determinação do assunto principal do documento.

### **ÁREA DE BIOLÓGICAS 001:**

#### **ETAPA ABDUTIVA OBSERVADA NA LEITURA DOCUMENTÁRIA (TRECHOS):**

*Então, só de olhar pelo título você já sabe né mais ou menos qual desses cinco assuntos você vai encaixar.*

<sup>7</sup> Os PVIs completos podem ser encontrados nos apêndices de Reis (2012)

### ETAPA DEDUTIVA OBSERVADA NA LEITURA DOCUMENTÁRIA (TRECHOS):

*Aí nesse aqui eu vou começar pela pagina de rosto, pra leitura técnica que eu faço eu gosto de ler todo o conteúdo {refere-se ao contents do livro}, leio o conteúdo, leio o prefácio, porque por mais que por exemplo, o título seja bem explícito, né?*

### ÁREA DE BIOLÓGICAS 002:

#### ETAPA ABDUTIVA OBSERVADA NA LEITURA DOCUMENTÁRIA (TRECHOS):

*Agora a próxima obra né, [Ortopedia funcional e mecânica dos maxilares] {leitura do título}. Esse caso aqui já seria um livro mais específico, da área de Ortodontia, e uma experiência a gente já seria um livro bem mais específico do que os dois anteriores né, quer dizer, fosse bibliotecário/ começando, a gente acharia que é tudo igual – **Comentário após o primeiro contato com o livro. Comentário sobre o nível de especificidade do livro, e como um bibliotecário com pouca experiência teria dificuldade em realizar a leitura documentária.***

#### ETAPA DEDUTIVA OBSERVADA NA LEITURA DOCUMENTÁRIA (TRECHOS):

*Agora com relação a esta outra obra né, os mesmos passos né, a gente vai abrir, vai ver a folha de rosto né, como nessa outra também não tem/ o título é [Ortodontia preventiva básica] {leitura do título} do [Alael de Paiva Lima] {leitura do autor do livro} a gente vê a folha de rosto né, daí dá uma olhada no/ faz uma leitura do prefácio*

### ÁREA DE EXATAS 001:

#### ETAPA ABDUTIVA OBSERVADA NA LEITURA DOCUMENTÁRIA (TRECHOS):

*Objeto-orientado, então o livro é básico de geometria algébrica, que é um assunto básico da matemática pura, com aplicações, é um assunto que a gente tem que é objeto-orientado. – **Comentário após o primeiro contato com o livro, por meio do título.***



### **ETAPA DEDUTIVA OBSERVADA NA LEITURA DOCUMENTÁRIA (TRECHOS):**

*Aí, uma coisa que eu gosto muito de olhar é o prefácio. Porque a parte de prefácio, ela sempre vai me dar informação do livro, por exemplo, se o livro já foi publicado anteriormente, se eles fizeram um estudo de uma coletânea de vários artigos pra basear esse livro*

### **ÁREA DE EXATAS 002:**

#### **ETAPA ABDUTIVA OBSERVADA NA LEITURA DOCUMENTÁRIA (TRECHOS):**

*Eu ainda não tô definindo o assunto, mas ele já tá me dando indícios de onde o assunto, o livro vai ficar, que área pelo menos. Eu sei que é da computação. – **Comentário após o primeiro contato com o livro, por meio do título e do autor.***

### **ETAPA DEDUTIVA OBSERVADA NA LEITURA DOCUMENTÁRIA (TRECHOS):**

*Então esse daqui já tá definido e eu me baseei pela ficha catalográfica que tá no verso da folha de rosto, e também no título, porque sem eu ver a ficha eu já tinha definido.*

### **ÁREA DE HUMANAS 001:**

#### **ETAPA ABDUTIVA OBSERVADA NA LEITURA DOCUMENTÁRIA (TRECHOS):**

*Ó, esse aqui, [Cogitações sobre o número] {leitura do título}. Do que será isso né? Aí a gente tem que procurar. Aqui, o que que a gente vai ter que fazer, se está falando de cogitações sobre o número, deve ser automaticamente algo sobre o número. Aí o que que eu faço, vou procurando. – **Comentário após o primeiro contato com o livro, por meio do título (inferência abdutiva).** Neste caso, a primeira noção do assunto do livro estava errada, o que foi constatado ao buscar informações em outras partes da estrutura textual do livro (inferência dedutiva).*

### **ETAPA DEDUTIVA OBSERVADA NA LEITURA DOCUMENTÁRIA (TRECHOS):**

*[...] tem que olhar aqui dentro mesmo, aqui ó, isso aqui é historia da arte, ó, esse título aqui, esse aqui não tem ficha catalográfica, então o que a gente faz, será que é filosofia? {olha o sumário} Isso aqui vai ser “filosofia” porque fala de dialética, identidade, então a gente vai tirando tudo que tem. – Verificação do assunto do livro por meio de consulta de estrutura textual.*

### **ÁREA DE HUMANAS 002:**

### **ETAPA ABDUTIVA OBSERVADA NA LEITURA DOCUMENTÁRIA (TRECHOS):**

*[...] então eu vou terminar esse daqui, eu tava no meio, eu tinha visto que era sobre estética na Idade Média, pensando no título [Estética na Idade Média], ele me dá alguma indicação.*

### **ETAPA DEDUTIVA OBSERVADA NA LEITURA DOCUMENTÁRIA (TRECHOS):**

*Mas com relação ao livro mesmo eu costumo usar mesmo basicamente a catalogação na fonte, e também no sumário na apresentação.*

De acordo com os trechos apresentados acima, é comum observar a inferência abdutiva por meio da consulta do título do documento. O leitor proficiente terá uma noção da área do livro ao ler seu título (inferência abdutiva), e a consulta às outras partes da estrutura textual ocorrem após esse primeiro contato (inferência dedutiva).

Especificamente na área de Humanas, observa-se com mais frequência a inferência abdutiva, mesmo que incorreta, tornando a inferência dedutiva essencial no processo de leitura documentária. Ambas se completam, uma leitura que foca em apenas um tipo de inferência, deve ser considerada incompleta.

Os quadros 2, 3 e a análise dos trechos de leitura apresentados, são evidências de que é possível categorizar o pensamento verbalizado de sujeitos durante a leitura documentária, utilizando metodologias específicas e a teoria da semiótica. Tais constatações foram proporcionadas por

resultados de pesquisas anteriores e estudos teóricos apresentados aqui. Recomenda-se a aplicação em um domínio específico da área de Humanas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos conceitos expostos sobre os aspectos semióticos da leitura documentária, pode-se concluir que de fato, a leitura documentária, é um processo inferencial, e que ocorre por meio da abdução e da dedução. As etapas finais dos processos de tratamento temático da informação, somente são possíveis graças ao uso de estratégias inferenciais indutivas por parte dos leitores proficientes (bibliotecários).

Recomenda-se a aplicação das teorias semióticas em domínios específicos (principalmente da área de Humanas – pois, conforme observado por Reis (2012), a leitura documentária no tratamento temático é mais complexa nesta área). Acredita-se que por meio de análises baseadas em teorias da semiótica, seja possível mapear de forma mais adequada – aos produtos finais do tratamento temático da informação – os processos metacognitivos em leitura documentária de cada profissional.

A intenção não é criar um modelo ou padrão, e sim, realizar uma tentativa de esquematizar como leitores proficientes realizam a leitura documentária em determinados contextos com base em livros específicos de uma área e no comportamento do sujeito durante a atividade. Em pesquisas anteriores, o livro (suporte tradicional), foi o material usado para análise, sem o cuidado de observar que tipos de livros existem dentro de cada área (Ex: Humanas: literatura ou conteúdo? Em Direito? Em Psicologia? Qual área específica?).

Sugere-se que a aplicação seja detalhada, observando os tipos de livros a serem tratados, com base em teorias da semiótica, especificamente, a abdução e dedução.

## REFERENCIAS

ALMEIDA, C. C. Conceito como signo: elemento semiótico para análise e mediação da informação. *Scire*, Saragoza, v. 2, n. 18, p.49-55, jun. 2012.

- ALMEIDA, C. C.; FUJITA, M. S. L.; REIS, D. M. Peircean Semiotics and Subject Indexing: Contributions of Speculative Grammar and Pure Logic. *Knowl. Org.*, v. 40, n. 4, p.225-241, 2013.
- CINTRA, A. M. M. Elementos de lingüística para estudos de indexação. *Ciência da Informação*, v. 12, n. 1, p. 5-22, 1983.
- DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L. *Análise de assunto: teoria e prática*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2013.
- DIAS, E. W.; NEVES, D. A. B.; PINHEIRO, A. M. V. Uso de estratégias metacognitivas na leitura do indexador. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 141-152, set./dez. 2006.
- ECO, U. *Semiótica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Piaget, 2001. (Teoria das artes e literatura).
- ECO, U. *Tratado geral de semiótica*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. (Estudos).
- ELLIS, A. W. *Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FUJITA, M. S. L. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. *Datagramazero*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, 2004.
- FUJITA, M. S. L.; NARDI, M. I. A.; FAGUNDES, S. A. A observação da leitura documentária por meio de protocolo verbal. In: RODRIGUES, G. M., LOPES, I. L. (Org.) *Organização e representação do conhecimento na perspectiva da ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 141-178. (Estudos Avançados em Ciência da Informação, v.2).
- FUJITA, M. S. L.; NARDI, M. I. A.; SANTOS, S. A. S. A leitura em análise documentária. *Transinformação*, v. 10, n. 3, p. 13-31, 1998. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/285>>. Acesso em: 11 Jan. 2017.
- HJØRLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. *Know. Org.*, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.
- KATO, M. A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995. (Fundamentos).
- KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- LIVINGSTON, J. A. A. *Metacognition: an overview*. Copyright 1997. Disponível em: <<http://www.gse.buffalo.edu/fas/shuell/cep564/Metacog.htm>>. Acesso em: 11 Jan. 2017

MAI, J-E. Semiotics and indexing: na analysis of the subject indexing process. *Journal of Documentation*, v. 57, n. 5, p. 591-622, 2001.

MAI, J-E. Analysis in indexing: document and domain centered approaches. *Information Processing And Management: An International Journal*, Nova York, v. 41, p. 599-611, fev. 2004.

NERIS, L. O. Semiótica e leitura: o fazer-receptivo do leitor analista. *Estudos Semióticos*, Número 2, São Paulo, 2006. Disponível em <[www.ffch.usp.br/dl/semiotica/es](http://www.ffch.usp.br/dl/semiotica/es)>. Acesso em “14/12/2016”

NEVES, D. A. B. Leitura e metacognição: uma experiência em sala de aula. *Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, n. 24, p. 1-9, 2º sem. 2007.

PEIRCE, C. S. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Ed. Hartshorne, Charles; Weiss, Paul; Burks, Arthur. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1958. 8v.

PIGNATARI, D. *Semiótica e literatura*. 6. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

PINTO, M.; GÁLVEZ, C. *Análisis documental de contenido*. Madrid: Síntesis, 1999.

REIS, D. M. *A importância da observação da estrutura textual durante a catalogação de assunto de livros científicos em bibliotecas universitárias: uma análise realizada a partir da técnica de Protocolo Verbal*. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciência da Informação, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/93675>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

THELLEFSEN, T. Semiotic Knowledge Organization: theory and method development. *Semiotica*, v. 142, p. 71-90, 2002.